

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

DELIMITAÇÃO CONCEITUAL PARA A ESCUTA CLÍNICA¹ **CONCEPTUAL DELIMITATION FOR CLINICAL LISTENING**

**Gustavo Héctor Brun², Laura Heinen³, Ana Joelma De Mattos Fonseca⁴,
Bruna Blanke Maciel⁵, Aline Fernandes Schuh⁶, Vivian Vinkler⁷**

¹ Estudo sobre a escuta clínica realizado na Clínica de Psicologia da UNIJUI - Santa Rosa

² Professor do Curso de Psicologia UNIJUI

³ ALUNO DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIJUI

⁴ ALUNA DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIJUI

⁵ ALUNA DE PSICOLOGIA DA UNIJUI

⁶ ALUNA DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIJUI

⁷ ALUNA DE PSICOLOGIA DA UNIJUI

Delimitação conceitual para a escuta clínica

Escutar é uma especificidade no campo do fazer psicológico, mas vai ganhando generalidade nas práticas das ciências em geral, sejam ligadas à saúde, à educação, às ciências jurídicas, entre outras; ouvir o outro e reconhecer sua alteridade vai tomando importância nas profissões. Neste contexto retomamos a pergunta pela escuta já que diferente de ouvir o outro, a posição de quem escuta na psicanálise está determinada pela formação do analista, tanto pela abordagem que fará das psicopatologias, quanto pelo perfil que tomará sua prática.

No grupo formado na Clínica de Psicologia da UNIJUI, composto por 11 estagiários em prática e um docente de psicologia, as questões foram sendo elaboradas para reconhecer momentos da clínica, que embora sempre são singulares, nos permitiram identificar traços que compõem uma escuta que discrimina o significativo e posicionamentos éticos próprios de nossa prática. Por esta forma de identidade percorremos alguns temas que destacaremos aqui.

Para introduzir-nos no tema devemos distinguir o que é ouvir para ter dados, para negociar, para dar lugar ao outro no intuito de atingir metas e para cumprir com nossas expectativas. Neste sentido notamos que ouvir tem a finalidade de situar o outro na ordem do nosso domínio. De certo modo, ouvir é dar lugar ao outro, mas frequentemente levado ao campo de batalha onde previamente se tem o que ganhar ou perder. Do outro lado consideramos uma escuta que pretende manter-se reserva ideal, que entra num sentido avesso a qualquer intenção de comando. Uma escuta sem críticas, sem preconceitos, ou como diria Lacan (2007/1970, p. 73) sem pretender a solução. A escuta não direciona a um suposto bem nem ao melhor, mas se sustenta numa posição de discurso que pode prescindir das palavras.

No percurso de nossas reuniões entorno do tema “A Escuta Clínica” identificamos elementos característicos deste tipo de escuta, ao analisar bibliografias de tempos distantes entre si, nas quais se sustentam modos de escutar orientados por princípios equivalentes. No intuito de

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

reconhecer traços de identidade, observamos que experiências de escuta equivalentes às vividas na clínica, podem ser encontradas nos textos, no sentido de elementos que possibilitam identificar a formação; assim, aproximamo-nos da temática da técnica psicanalítica, cujos princípios norteadores estão especificados nos escritos de Freud. Em textos como “A interpretação dos sonhos” (1996/1900), “Psicopatologia da vida quotidiana” (1996/1901), “Fragmentos da análise de um caso de histeria” (1996/1905), entre outros, estabeleceu os princípios para dar um lugar destacado à palavra.

Observamos que em momentos iniciais da psicanálise, quando Freud elabora sua justificativa do enquadre psicanalítico, a que apresenta no texto clássico “A interpretação dos sonhos”, ao descrever a fala que permite calcular elementos inconscientes que formariam um conteúdo psíquico latente, o texto indica que deve se suspender a busca de significação imediata, priorizando a fala direcionada por cadeias de pensamentos aparentemente arbitrárias, a essa licença Freud denominou-a associação livre de ideias. Assim a exploração do psíquico tornava-se abundante em indicações que até então permaneciam obscurecidas pelas motivações conscientes. Por outra parte, as indicações técnicas para o analista são de “trabalhar como um animal” (Freud, p. 554 1900/1996), no sentido de um ser não racional, não se antecipando, não prevendo resultados, e deste modo abstando-se da capacidade crítica. A proposição de escuta é correlativa à proposta de fala que se fazia ao paciente, para que possa se deslocar vagamente de uma ideia para outra, sem dúvidas nem resistências, entregando-se a expressar pensamentos involuntários. A possibilidade de falar nestas condições, denominada “associação livre de ideias”, implica, como acontecia com a sugestão da hipnose, uma confiança, que no caso de um outro tipo de laço social, seria excessiva. Mas que nas possibilidades de escuta analítica, que suspende a crítica para que esta entre no jogo de valorização depois que o material psíquico tenha sido exposto extensivamente, troca o poder da sugestão pela capacidade de interrogação.

Temos uma clara exposição do posicionamento de Freud na hora de escutar sem críticas, e podemos observar como agia nesta operação quando buscava as razões das formações do inconsciente, como o caso de aquele esquecimento da palavra estrangeira, palavra de língua morta: “*Aliquis*”, que ele nos conta como um caso da psicopatologia quotidiana. Nos relata que num passeio em trem, enquanto seu companheiro de viagem queixava-se por como os judeus estavam sendo socialmente preteridos, considerava quanto seria boa a chegada de uma descendência vingadora, porque os judeus naquele tempo estavam condenados a uma atrofia social. Este jovem tenta citar uma frase da Eneida de Virgílio em latim. Mas omite por esquecimento uma palavra do poema e Freud, memorioso, lembra do verso (em latim) e pode auxiliar na lembrança. Sendo que o jovem estava familiarizado com as publicações de Freud, se dispôs procurar expor suas ideias “sinceramente e sem nenhuma crítica” (Freud, p. 28 1996/1901) para ver se conseguiam dar com a causa dessa tolice. Daí um amplo percorrido por correntes associativas, por *fluidos*, *líquidos* e *reliquias* os colocam diante de significantes que reordenam o problema: a possível gravidez indesejada de uma jovem italiana. Pelo que um desejo de ter uma descendência que fizera justiça à raça judaica *se opunha ao outro desejo* de não ter descendência com aquela mulher. Abster-se de julgamentos e não desaprovar nenhuma das ocorrências antes de

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

ter uma visão mais rica dos significantes em jogo foi a consigna que permitiu-lhes revelar o valor do termo esquecido. A suspensão da crítica e a continuidade pelas vias associativas emergem como guias do escutar.

Estas dicas para a escuta ganharam precisão nos anos seguintes e em “Recomendações aos médicos que exercem a análise”, Freud (1996/1912) quando expressamente aborda a atitude que deve ter o analista que solicita ao paciente que fale a partir das regras da associação livre de ideias, suspender as críticas e “simplesmente escutar”.

Esta simplicidade resulta de uma situação complexa, dimensionável quando se leva em conta que o laço com o paciente se faz a partir de uma demanda de cura, que implicaria um saber e uma ação terapêutica imediata. Mas que pelo efeito de formação, e com reconhecimento das funções da linguagem nos momentos de análise, torna-se possível uma suspensão das motivações terapêuticas ou educativas, que poderiam satisfazer o pedido do paciente.

A escuta proposta implica que a confiança que o paciente tem no seu analista seja construída proporcionalmente à que o analista tem nas operações fundamentais da linguagem, que acompanham a formação dos sintomas, e pelas vias de reconhecer o desejo, permitem a análise.

A respeito da reserva do analista, percorremos na nossa pesquisa textos anteriores ao período de fundação da psicanálise. Assim observamos como a emergência da escuta freudiana no começo do século passado destacou-se de um período anterior, considerando a época antecedente, quando ainda não existia a psicologia fundamentada como ciência, mas aparecia em Kierkegaard (1997/1843) num conjunto de temas estudados a partir dos vínculos espirituais nas perspectivas filosóficas e históricas do Romantismo. Podemos marcar entre estes autores o passo de uma psicologia filosófica existencial à uma psicologia clínica que se desloca até se conformar em práxis analítica. O que devemos a esse autor danês é a descrição de um tipo específico de escuta, semelhante ao de Freud, que nos relata no texto “A Repetição”. Neste escrito nos descreve uma situação de namoro, na qual se considera a repetição e o objeto ao qual o amor pretende satisfazer. Um personagem do texto, um jovem amante, relata as vicissitudes do namoro a seu confidente que em primeira pessoa escreve a história. Quando avaliamos as condições com as quais este se posiciona como confidente, notamos as similitudes com a posição do analista. A primeira condição é seu silêncio, porque o confidente sabe calar, e escutar dando lugar a um outro modo de linguagem. Mas também não deve ter juízos éticos (Kierkegaard, p. 39 1979/1883), suspende os princípios morais que levaria a um diálogo e simplesmente escuta. Mesmo que o interesse psicológico, como ele mesmo escreve, tenha sido o fundamento para este tipo de escuta sem críticas, é na técnica ligada ao sintoma e à composição significativa que se diferencia da escuta freudiana seis décadas depois.

Nos tempos da emergência da escuta moderna a começo do século XX, quando Freud propõe para o paciente falar livremente, associando sem críticas nem restrições o que passava pela sua mente, ele não visava descarregar a intensidade afetiva, mas pretendia escutar sem selecionar,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

reconhecendo no material significativo uma lógica que age na produção do sofrimento, numa ordem anterior ao pensamento racional, aquele que no senso comum pretende dar respostas satisfatórias e tranquilizantes. Quando estabelecida uma relação terapêutica, sem a finalidade de educar o paciente, nem de curar, a escuta psicanalítica se sustentou sem aspirações morais ou higienistas. Escutar sem pensar, sem almejar nem suspeitar algum sentido, era o modelo para posicionar-se como analista ante o paciente. O que permitiu a emergência da escuta foi um deslocamento preciso, que vai do saber psicológico que outrora permanecia na filosofia, à loucura das históricas. E reconhecendo a complexidade de impulsos que causavam o sintoma, Freud podia elaborar construções e situar uma pontuação que modificasse a perspectiva de sofrimento dos seus pacientes.

No mesmo período que Freud se perguntava pelos esquecimentos de palavras, os equívocos, os erros de nomes, também se interrogava pelas formas de composição dos sonhos que considerou equivalentes à dos sintomas, e foi nestas considerações sobre o modo de elaboração onírica que tomaram relevância os processos psíquicos que Freud denominou condensação e deslocamento.

Estes dois conceitos de formação de sonhos foram importantes para o reconhecimento da escuta a partir de que os tropos de linguagem que correspondiam foram considerados como polos de linguagem. O Linguista Jakobson (1969/1935) identificou ainda determinados estilos de escrita que usufruem mais de um polo que de outro e estendeu estes princípios à arte pictórica. Em "*Dois aspectos da linguagem, dois tipos de afasia*" (1969/1935) aproximou seu modelo da pintura cubista que opera por sinédoque. A modo de exemplo, quando observamos o famoso *Guernica* de Picasso, vemos cabeça de cavalo, uma lâmpada, uma cabeça de touro, braços, espada quebrada, e assim, a potência da guerra, potência de destruição fica plasmada nos fragmentos exagerados e espalhados num muro pela "orientação metonímica do cubismo" (p. 16). Ao que "os surrealistas replicaram numa atitude decididamente metafórica" (p.16). Acompanhando esta polarização nas artes plásticas, ao Picasso metonímico poderíamos opor a modo de exemplo o polo da metáfora com a reconhecida composição de Salvador Dalí "*A persistência da memória*" de 1937; onde pintor fez relógios esticados, feitos com matéria liquefata, elástica, flexível ao extremo de não conseguir conter um tempo cronológico, plasmando assim a ideia de uma desmemória por disparidade das imagens evocadas. Na sua obra a noção de *tempo* é substituída pela inadequação da *matéria* do relógio, resultando na ideia de atemporalidade.

Por extensão, ao observar que estes polos provenientes da linguística e da retórica podem também ser aplicados à arte figurativa, aceitamos também que estes tropos, metáfora e a metonímia, indicam modelos de pensamento distantes da razão, neste sentido a arte pictórica aparece como um campo no qual, mesmo afastado a razão lógica proposicional, se torna adequado para observar princípios básicos da ordem psíquica. Escutar suspende a razão, mas não a leitura de uma ordem psíquica, embora tenha que se abster de um pensamento crítico, acompanha a palavra no sem sentido, porque o movimento das figuras pode sustentar uma leitura, mesmo que além das proposições da lógica convencional.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Sobre esta linha de pensamento proposta a partir da análise linguística podemos pensar que Lacan, no texto que dimensiona a instancia da letra, equiparou o sintoma à metáfora, assim como tinha sido correspondida por Jakobson a condensação à metáfora; e o desejo, entanto movimento, à metonímia como tinha sido correspondido com o deslocamento freudiano. No conjunto das figuras retóricas, o valor da metáfora se estabelece na capacidade de junção de elementos, e difere da metonímia que cria um movimento de sentido ao tomar uma parte pelo todo. A ética sobre a qual o analista se norteia, busca anular as críticas para reconhecer o desejo como o movimento mais elementar da dinâmica psíquica.

Quem escuta pretende acompanhar o paciente, sem antecipar o sentido e também sem demorar-se em ponderar o escutado, avaliar ou refletir. Acompanhar e seguir esse tempo próprio da linguagem que pode ser desenrolada no encontro clínico. Assim, pode acontecer que o nosso entendimento, entanto escutamos o paciente, indique que logicamente deve se aproximar de um ou outro tema, e intervimos a modo de diálogo dando algum pitaco de qual sentido seguir. Ou de outro modo, por nos deter no pensamento a refletir, a pensar e julgar o escutado, nos encontramos em determinado momento de uma sessão perdendo o fio e tendo a sensação de que o paciente falou muito depressa, sem dar-nos tempo de escutar. Pois, nessa hora podemos nos questionar se de fato a escuta esta se realizando, se estamos tentando nos posicionar com nossas próprias ideias, ou se nos detemos em nossos próprios pensamentos. Assim é importante interrogar o tempo em que se escuta, se discriminamos um tempo de observar o que foi enunciado, como primeiro instante em que algo se revela, podemos esperar sem pressa e sem ansiedade que se aproxime um segundo tempo de entender, ou seja, um momento em que pela afinidade conquistada, possa acompanhar alguma significação. Como consequência da sensação de segurança, de aproximação do verdadeiro, pode se gerar um terceiro momento em que a escuta se torna uma palavra de devolução como um momento de concluir.

Como resultado dos estudos, o grupo da Clínica tem interrogado a escuta de modo que pode reconhecer nos significantes a materialidade que fundamenta a prática, que por se repetirem na fala dos pacientes, indicam tanto a matéria dos sintomas quanto as saídas que o desejo promove. Sem propor verdades conclusivas, o praticante da clínica reconhece que entorno do polo metonímico dinamiza sua escuta, como representante das vontades que se desprendem do sofrimento sintomático. Assim, ao tempo que define a identidade de sua prática, também reconhece um posicionamento ético que o distingue na sua qualidade de profissional que zela por oportunizar o resgate da singularidade de cada um de seus pacientes.

Bibliografia:

Freud, S. (1996) "Psicopatologia da vida cotidiana" In S. Freud, *Edição standard brasileira obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 6) J. Salomão, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Freud, S. (1996) "A Interpretação dos sonhos" In S. Freud, *Edição standard brasileira obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5) J. Salomão, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1996) "Conselhos aos médicos" In S. Freud, *Edição standard brasileira obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12) J. Salomão, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

Kierkegaard, S. (1997) "La Repetición" Trad. K. A. Hjelmstrom. Editora JVE psique. Buenos Aires. (Texto original publicado em 1943)

Lacan, J. (1998) "A instancia da letra, ou a razão desde Freud" In J. Lacan (1998), *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957).

Jacobson, R. (1969) *Linguística e comunicação*. São Paulo, SP: Cultrix (1935)